

# FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS<sup>1</sup>

## PHOTOJOURNALISM: AN ANALYSIS OF THREE AWARD-WINNING PHOTOGRAPHIC PIECES

Flora Constance Moura FERNANDES<sup>2</sup>

Bernardina Maria Juvenal Freire de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

### Resumo

Este trabalho aborda as relações simbólicas presentes em fotografias veiculadas em jornais, bem como a investigação dos significados que essas imagens expressam e a avaliação de seu valor estético. Para isso, serão considerados como objetos empíricos três registros fotográficos provenientes dos acervos de Francisco França, Mônica Câmara e Rizemberg Felipe. Nesta análise, recorreremos ao caminho teórico-metodológico proposto por Kress e van Leeuwen, que se baseia na Gramática Visual, considerando seus aspectos representacionais, interativos e composicionais. Com os resultados obtidos, foi possível concluir que esses aspectos se constituem como mecanismo para a compreensão dos discursos que permeiam a representação de assuntos socialmente significativos nas imagens fotojornalísticas.

### Palavras-chave

Fotojornalismo; Gramática Visual; Semiótica; Fotografia; Jornalismo.

### Abstract

This work addresses the symbolic relationships presente in photographs published in newspapers, as well as the investigation of the meanings that these images express and the evaluation of their aesthetic value. To this end, three photographic records from the collections of Francisco França, Mônica Câmara and Rizemberg Felipe will be considered as empirical objects. In this analysis, we resort to the theoretical-methodological path proposed by Kress and van Leeuwen, which is based on Visual Grammar, considering its representational, interactive and compositional aspects. With the results obtained it was possible to conclude that these aspects constitute a mechanism for understanding the discourses that permeate the representation of socially significant subjects in photojournalistic images.

### Keywords

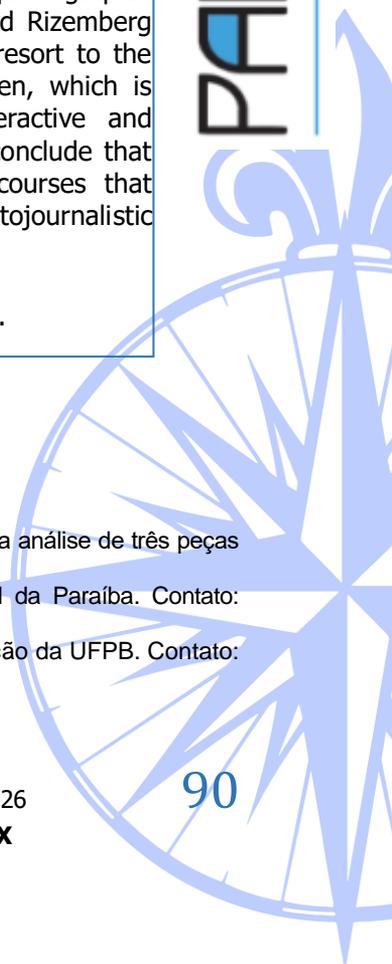
Photojournalism; Visual Grammar; Semiotics; Photography; Journalism.

RECEBIDO EM 27 DE JUNHO DE 2023  
ACEITO EM 20 DE NOVEMBRO DE 2023

<sup>1</sup> Parte de texto retirado de dissertação intitulada “Fotojornalismo paraibano: uma análise de três peças fotográficas premiadas”.

<sup>2</sup> Jornalista e Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Contato: floracmfernandes@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB. Contato: bernardinafreire@gmail.com



## Introdução

O objetivo principal desta pesquisa é analisar as relações simbólicas presentes em fotografias publicadas em jornais, investigar os significados expressos por essas imagens e avaliar seu valor estético. Para isso, serão considerados como objetos empíricos três registros fotográficos provenientes dos acervos de Francisco França, Mônica Câmara e Rizemberg Felipe. Compreendemos que as fotografias produzidas e veiculadas não só consolidam os fatos e eventos submetidos ao tratamento jornalístico, como apresentam condições de gerar efeitos estéticos (Silva, 2010). Além disso, o estudo do fotojornalismo é importante fonte de informações desdobráveis em diversas direções, que se oferecem às leituras e avaliações semióticas.

Podemos observar que houve transformações significativas no papel da imagem nos processos jornalísticos com o advento do fotojornalismo, alterando as relações que os jornais estabeleciam com seus leitores (Sousa, 2002). Acreditava-se que por intermédio da fotografia criariam um maior grau de confiabilidade àquilo que veiculavam. Assim, o leitor está voltado para a apreensão de significados, mediados por um discurso imagético, estabelecidos pelo produtor do texto. Esse produtor de texto, autor, introduz o discurso imagético não só através de elementos que produzam sentido, como também aqueles capazes de movimentar emocionalmente o seu leitor, que está disposto a interpretar e compreender, agindo diante do texto, e podendo mudar a sua percepção.

Estamos apontando para uma afinidade entre leitor e o espaço em que se instalou, pensando nos significados e sentidos em sua leitura. É interessante pensarmos que “a máquina fotográfica industrializada teria democratizado o *olhar como expressão*, e seria necessário fazer justiça a essa democratização estética dignificando aqueles que seriam os seus

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

porta-vozes” (Mammi; Schwarcz, 2008, p.56). Dessa maneira, a imagem em sua sintaxe própria torna-se capaz de determinar o valor emocional e adequação de sentidos particulares.

É importante ter em vista que há uma específica organização das peças fotojornalísticas, que solicita estudarmos a articulação entre texto e imagem e entre imagem e imagem. Apontando tais diferenças, detemo-nos sobre o material empírico que constitui o *corpus* deste trabalho, e sobre o qual aplicaremos o instrumental de análise, que são as peças fotojornalísticas. Os repórteres fotográficos analisados buscam transmitir a informação de maneira “poética”, fugindo do modelo sensacionalista e sangrento que assola o jornalismo. Para eles, a fotografia deve ser entendida como transformadora, instrumento de educação e mudança social. A possibilidade de ler uma imagem e se emocionar com ela na nossa cultura é tão importante quanto a de ler um texto verbal.

Assim, compreendemos nesta pesquisa que as peças fotojornalísticas podem ser submetidas à apreensão e análise dos instrumentos de comunicação, que orientam e determinam não só os seus sentidos, como também as reações estéticas que podem produzir. O âmbito do fotojornalismo nos oferece a atividade de leitura e interpretação investigativa para que saibamos os modos específicos de estabelecer comunicação. É dessa vivência midiática, impacto social e força que desponta nosso propósito de submeter os materiais fotojornalísticos para análise.

## Os fotojornalistas

**Fig. 1-Francisco França**



Fonte: Acervo pessoal

**Fig. 2- Mônica Câmara**



Fonte: Acervo pessoal

**Fig. 3- Rizemberg Felipe**



Fonte: Celina Filgueiras

Francisco França, Mônica Câmara e Rizemberg Felipe são fotógrafos naturais da Paraíba, cujo olhar crítico se desenvolveu ao longo de suas carreiras no fotojornalismo. Suas contribuições foram significativas para o jornalismo local, como evidenciado pelos prêmios que receberam, atestando a competência e o talento de cada um na arte da fotografia. Buitoni (2017) afirma que podemos perceber que fotografias foram feitas

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

por fotógrafos que tinham muito interesse, paixão e curiosidade sobre determinado tema. É mais do que “estive aqui e vi isso”, e sim “eu me senti assim sobre isto”. Estamos falando em criar fotografias que as pessoas se importem e se envolvam, que possam mostrar com entusiasmo para outras pessoas em uma espécie de “corrente fotográfica”. Assim, a escolha dos três fotógrafos se deu pela relevância de seus trabalhos e indicação através de profissionais que atuam em jornais locais.

## **Semiótica de Pierce na Fotografia**

Constatamos que a semiótica tornou-se um método de interpretar o mundo e analisar a produção de significado por meio de uma abordagem em que tudo é tratado como um sistema de signos a ser lido (Pierce, 1990). Se pegarmos uma página para ler suas palavras, damos sentidos às marcações gráficas, às combinações das letras e a sequência de palavras. Da mesma forma, lemos o mundo que nos rodeia, como as fotos, os rostos, as vestimentas, as músicas, e até mesmo aromas. De forma resumida, essa abordagem propõe que tratemos tudo como um “texto” a ser lido, incluindo nós mesmos e as fotografias. Faremos uma introdução aos princípios fundamentais da semiótica de Pierce (1995) naquilo que traz contributos à presente investigação, e que nos dará margens conceituais indispensáveis para as análises das peças fotojornalísticas.

A teoria dos signos, ou ciência dos signos, tem sua denominação de acordo com a escola a que se refere. A semiótica, que é essencialmente americana e se origina da lógica, e a semiologia que é predominantemente europeia e fundada na linguística. Ambas vêm da raiz grega *semeion*, que significa marca, sinal, presságio, letra, imagem. Diferem-se também por

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

suas tradições: a primeira é apresentada por Charles Sanders Peirce no final do século XIX, e a segunda pelo linguista e suíço Ferdinand de Saussure no início do século XX. Posteriormente, o método foi amplamente adotado no meio acadêmico por meio dos estudos de Roland Barthes em *Elementos da Semiologia* (1964), *Mitologia* (1993); Umberto Eco em *Tratado Geral da Semiótica* (1976); Lúcia Santaella em *O que é semiótica* (1983), e mais recentemente em *Introdução à Semiótica* (2021). Hoje em dia, a semiótica é um elemento fundamental no vocabulário crítico e analítico da cultura visual, e o seu lugar favorecido como teoria geral dos signos deve-se pelo fato que ela investiga os signos, as relações sógnicas e os processos sógnicos.

Barthes, em sua coleção de ensaio *Mitologias* (1993), mostrou como alguns aspectos triviais da cultura podem ser entendidos para codificar e significar toda uma gama de crenças e relações sociais. Damos significados às coisas, tudo pode ser dado um valor de signo: objetos, gestos, aparências, imagens. Nós mesmos funcionamos como signos e tudo que fazemos e dizemos é compreendido por meio da interpretação desses signos.

Para Peirce (1980), um signo “é algo que está no lugar de algo para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade”. Isso não quer dizer que o signo substitui completamente o objeto a que se refere, ele nunca pode estar, de fato, no lugar do objeto, seja este presente ou ausente. Portanto, “estar por ou para” significa representar, e para concluir com Peirce, uma primeira definição provisória e parcial do signo “para que alguma coisa deva ser um signo, ela deve representar, por assim dizer, alguma outra coisa, chamada seu objeto”.

Em nosso estudo introduzimos os elementos nucleares da gramática do *design* visual (Kress e van Leeuwen, 2000), e os fundamentos da teoria Sistêmico-Funcional de Michael Halliday (1994). Esses teóricos consideram que o sistema semiótico, que tem o *signo* como

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

noção central, explica o funcionamento da linguagem. Os teóricos tradicionais ao analisarem as imagens costumam se basear em aspectos “lexicais”, porém Kress e van Leeuwen foram por um viés de análise gramatical. Levantam as “teorias gramaticais verbais” de Halliday, em específico as metafunções da Linguística Sistêmico-Funcional, buscando regularidades para compreender de que maneira os diferentes modos de representação visual e de relações entre si se tornam padrões.

A Linguística Sistêmica-Funcional (LSF) desenvolvida por Halliday compreende a linguagem como um sistema de significados auxiliando nas análises das ocorrências linguísticas, e apresentando uma gramática baseada no conceito do uso da língua, tendo cada elemento explicado em relação a sua função. Halliday (1994) apresenta três funções para a linguagem, que são: ideacional (representação das experiências do mundo exterior e interior), interpessoal (expressão das interações sociais), e textual (expressão da estrutura e formato do texto). É importante frisar que estas são realizadas simultaneamente na língua, às vezes uma mais saliente que a outra, mas as três estão sempre presentes. A partir dessas metafunções Kress e van Leeuwen propõem uma gramática do *design* visual, que hoje é um dos estudos mais importantes se tratando de estrutura da informação visual em textos, e apesar de terem estabelecido equivalência entre a gramática da língua e a visual, não significa que suas estruturas sejam iguais ainda que sejam amplas. A adaptação da GSF para a GV se dá através das três metafunções (representacional, interativa e composicional) que se constituem no código semiótico da imagem. Vejamos as relações de semelhança entre as metafunções da Gramática Visual (2000) e Gramática Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1994):

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

Halliday	Kress e van Leeuwen	Equivalência
<b>Ideacional</b>	<b>Representacional</b>	Responsável pelas estruturas que constroem visualmente a natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos, e as circunstâncias em que ocorrem. Indica, em outras palavras, o que nos está sendo mostrado, o que se supõe esteja "ali", o que está acontecendo, ou quais relações estão sendo construídas entre os elementos.
<b>Interpessoal</b>	<b>Interativa</b>	Responsável pela relação entre os participantes, é analisada dentro da função denominada de função interativa (Kress e van Leeuwen, 2006), onde recursos visuais constroem "a natureza das relações de quem vê e o que é visto".
<b>Textual</b>	<b>Composicional</b>	Responsável pela estrutura e formato do texto, é realizada na função composicional na proposição para análise de imagens de Kress e van Leeuwen, e se refere aos significados obtidos através da "distribuição do valor da informação ou ênfase relativa entre os elementos da imagem".

Quadro 1- As metafunções (baseado em Fernandes, 2009).

### O Discurso imagético

Compreendendo o caráter de uso social da língua presente no discurso fotojornalístico, nos ancoraremos nas propostas de uso e contextualização da Gramática Visual (GV) estruturada por Theo van Leeuwen e Gunther Kress (1996, 2000), através de suas modalidades sintático-visuais baseadas em Halliday (1994). Fundamentada nos aspectos funcionais da linguagem e nas hipóteses teóricas de Halliday em sua Gramática Sistêmico-Funcional. Kress e van Leeuwen relacionam as

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

metafunções (representacional, interacional e composicional) na GV e as correspondentes hallidayanas (ideacional, interpessoal e textual) refletindo na estrutura do discurso imagético.

Ao longo da história dos veículos de comunicação paraibanos, a fotografia foi responsável por passar força e tradição através de uma cultura fotográfica, considerando a existência dessa cultura com o desenvolvimento de técnicas e singularidades temáticas que representam um povo. Estas também não se restringem apenas à bagagem cultural dos fotógrafos, mas também à prática social incorporada ao modo como representamos o mundo. A forma como se vê a fotografia, principalmente através dos interesses de quem a fotografa, as tornam únicas e emocionantes. Podemos perceber que as mais incríveis partem de interesse, paixão e curiosidade dos fotógrafos, mais do que estar no ambiente e tirar a foto, é a forma que se sente ao fazê-la, que possa envolver e tocar emocionalmente as pessoas.

Nesse processo, percebemos que os fotógrafos registram essa visão de maneira particular, mas que não impede que o ponto de vista de cada um se una com a expectativa do meio massivo (jornal) ou o meio social os quais representa. Existe na produção de uma imagem fotojornalística um construto simbólico, vinculado ao ambiente de quem o constrói, como de quem lê/vê. Dessa forma, podemos pensar a linguagem visual como na linguagem falada, com um vocabulário, gramática e sintaxe que permite passar uma mensagem e ser compreendido. Quanto melhor for o domínio dos instrumentos, mais poderosa será a comunicação. Então, quais são os elementos da semiótica e da Gramática do *Design Visual* que podem ser vistas nas peças fotográficas selecionadas?

Como contadores de histórias, os fotógrafos selecionam cada elemento que fará parte do quadro. Se algo não pertence ao enquadramento se deve a exclusão feita por eles, decisão que é feita

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

antes do clique. Se pensarmos em um lugar da cidade, com duas pessoas conversando e tomando um café, podemos perceber que alguns momentos serão mais intensos que outros, ou mais monótonos, podem ter muitos gestos. É através da prática que o “melhor momento” de Cartier - Bresson será mais fácil de ser assimilado.

Com as novas tecnologias, os fotógrafos têm acesso a um arsenal de equipamentos como lentes, câmeras, tripés, computadores, *softwares* e dispositivos que ajudam na hora da composição da fotografia, porém a fotografia é uma busca artística. Eles procuram através da visão criar uma imagem que transmita a paixão por exercer a profissão. As pessoas não vão se importar se as fotografias serão criadas por uma *Nikon* ou *Canon*, querem que a fotografia as emocione; porém, um bom equipamento faz a diferença.

A inspiração dos fotógrafos que fazem parte do estudo vem dos elementos observados no cotidiano, das paisagens, das riquezas e alma de um lugar. Porém, o elemento central para escolha das peças fotográficas se deu por retratar a miséria humana, tendo como cenários: um lixão através da fotografia “*Urubu rei*”; uma cena de crime pela foto “*O amor é o dom maior! Ame...*”; e a infância indesejada em uma comunidade com a imagem “*Filhos do lixão*”. As três imagens foram premiadas e destacadas no cenário do fotojornalismo e serão analisadas posteriormente. Mostrarão-nos que a forma como estão relacionados entre si os elementos visuais e a distribuição no espaço visual constituem componentes chaves para compreendermos os discursos que permeiam a representação dos assuntos socialmente significativos nas peças fotojornalísticas.

Flora Constance Moura **FERNANDES**  
Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

## **ANÁLISE: URUBU REI**

**Fig. 4-** Fotografia feita por Mônica Câmara no Lixão do Roger em 2001.



Fonte: Jornal O Norte.

A fotografia *Urubu Rei*, primeira imagem analisada, faz parte da produção fotojornalística de Mônica Câmara e foi publicada no jornal *O Norte* em 19 de outubro de 2001. A imagem retrata o Lixão do Róger, localizado na cidade de João Pessoa, que se tornou um dos maiores depósitos de lixo a céu aberto do país, ocupando cerca de 17 hectares e recebendo aproximadamente 1 mil toneladas de detritos diariamente. A fotógrafa enfrentou o desafio de abordar um assunto já amplamente coberto pelo jornal, questionando como poderia fazer a diferença com seu material, que tinha o formato de denúncia. Uma das metas do jornal era conseguir o fechamento do lixão, tornando essa questão ainda mais relevante.

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

A fotografia, em um plano geral, nos mostra a ambientação e o processo de sobrevivência de uma comunidade dentro de um lixão. Homens, mulheres, urubus, e lixo compõem a imagem, porém um urubu de asas abertas descendo em seu voo se apresenta de forma saliente. Para isso, Kress e van Leeuwen propõem três estruturas de representação constituindo uma gramática visual. Na estrutura **representacional**, temos a descrição dos participantes em uma ação; na **interativa**, relações entre participantes representados e o observador, e na **composicional**, a combinação de todos os elementos. A fotografia em questão, nos mostra uma série de processos que acontecem ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, temos um urubu dominando a cena, e em torno dele a narrativa se dá, pois faz o observador desviar sua atenção para aquilo que chama atenção. Temos também dois grupos interativos, que constitui de catadores ao fundo da imagem, e um grupo de urubus à frente. Na cena há diferenças e consensos, em que homens e urubus disputam e respeitam o espaço, todos em prol da sobrevivência.

Fotografar é selecionar. Quando a fotógrafa decide tirar a foto, com uma lente 24 mm, enquadra um fragmento da realidade no visor de sua câmera, excluindo o que está fora da área que a lente capta. Ao observar esta imagem, vemos o que está dentro do enquadramento, e a primeira coisa vista, o urubu, está no meio da imagem. Toda a ação está acontecendo dentro do quadro e não instiga o espectador a imaginar uma realidade maior, pois as bordas não contêm informações cruciais sobre o assunto, ou a ação em geral. Porém, às vezes, acontece de o enquadramento sugerir uma realidade maior como se houvesse uma abertura em um mundo fora dele, e o espectador é instigado a imaginar esse mundo. Dessa forma, o enquadramento contribui para o sentido da foto e pode até mudá-la completamente.

Flora Constance Moura **FERNANDES**  
 Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

**Fig. 5 - Representação**



Fonte: Jornal O Norte.

Uma câmera vê todos os detalhes, então elementos que não percebemos podem tornar-se dominantes quando vistos em uma foto. A noção sobre o lugar torna-se uma preocupação fundamental da fotografia, e a capacidade da câmera em registrar os detalhes de uma imagem é uma das características definidoras dessa mídia. *Urubu Rei*, inicialmente constitui uma composição de contornos narrativos, a presença de atores e vetores nos indicam as ações que estão sendo realizadas.

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

Podemos perceber que os participantes (atores) estão interligados aos objetos (meta) que compõem a cena. São catadores (atores) que apanham o lixo (meta), urubus (atores) que se alimentam (meta), enquanto que um mais saliente sobrevoa o local. Nessas ações temos uma representação narrativa transacional, mesmo que identifiquemos no urubu rei desdobramentos de uma ação, que é sobrevoar, e uma reação, olhar para o lado. Configurando uma ação de estrutura **transacional** e uma reação de estrutura **não-transacional**.

Por termos uma narrativa com tantos elementos distintos, observamos a presença do processo reacional em alguns participantes representados. Porém, não identificamos para onde alguns desses participantes, que são reatores, estão olhando dentro da cena. Então podemos considerar que também se trata de uma representação narrativa de **reação não-transacional**.

Constatamos que no processo de distribuição dos elementos dentro da imagem podem conter processo de estrutura conceitual, aliados aos processos classificacionais. Processo que ocorre quando há uma taxonomia e os participantes representados se apresentam como se estivessem subordinados a uma categoria superior. Essa taxonomia é denominada coberta (covert), podemos considerar que os participantes da fotografia estão subordinados a uma classe de sujeitos que trabalham com o lixo. Podemos também analisar que o *Urubu Rei* contém a representação conceitual simbólica, o atributo simbólico pode ser levado a uma configuração subjetiva, outra ave de rapina como a águia que é o símbolo da maior nação capitalista, os Estados Unidos.

Flora Constance Moura **FERNANDES**  
 Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

**Fig. 6 -Interação**



São vários os elementos presentes na cena, mas nenhum deles interage diretamente com o leitor/observador. Temos um urubu que se apresenta como ator/reator, e o lixão como meta da ação executada por ele, e seu olhar é a esmo. Em relação as estratégias de aproximação/afastamento com o leitor, que são estabelecidas através do contato, distância social e perspectiva angulares, destacamos que todos os elementos representados na imagem estão em posição de oferta. Não há interação entre eles, e muito menos com quem observa.

Observamos que os vetores não estabelecem uma conexão entre os participantes e o leitor. Além disso, embora haja muitos indivíduos na cena, não parece haver uma reação perceptível à presença da fotógrafa.

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

Assim, temos um objeto de contemplação do observador em relação ao participante representado, nenhum deles parece interagir com a fotógrafa, ignorando sua presença. Além disso, a perspectiva aérea capturada durante o voo da ave contribui para uma sensação de impessoalidade na cena.

**Fig. 7 – Composição**



Fonte: Jornal O Norte.

Na metafunção em questão observamos o posicionamento de cada elemento conjugado na imagem, compreendendo um valor informativo de significação. Temos como valores informativos o ideal/real. Em relação ao ideal, vemos na parte superior da imagem o urubu. O urubu não é só ator dessa narrativa, como também o elemento de maior saliência na cena. Não por acaso que foi colocado na parte superior da imagem. Os elementos marginais agregam ainda mais sentido e estranhamento à composição. A ave ganha mais saliência na imagem devido à composição,

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

o céu limpo em contraste com a sua cor escura, o seu tamanho e envergadura das asas.

Por fim, esta imagem possui estruturação composicional forte, apresentando desconexão entre os objetos que a constituem. Apesar de tantos elementos presentes, todos são facilmente identificáveis, auxiliando na leitura dos elementos comuns presentes na fotografia. A seguir apresentaremos de forma resumida os elementos da Gramática do *Design Visual* de Kress e van Leeuwen (1996):

<b>Metafunção ideacional/ representacional</b> Natureza dos eventos <b>representados</b> pela imagem	
<b>Participantes</b>	Urubu, homens, mulheres, lixo. Urubu como ícone central.
<b>Processos</b>	Pessoas catando lixo, urubus comendo lixo ou sobrevoando: processo acional e transacional. Participantes só observando: processo reacional não-transacional.
<b>Circunstâncias</b>	O céu, lixos, pessoas, nuvens, são elementos coadjuvantes que compõem a imagem.

**Quadro 4-** Metafunção representacional (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

<b>Metafunção interpessoal / interativa</b> Natureza das relações <b>sociointeracionais</b> construída pela imagem	
<b>Contato interacional</b>	Os participantes não se incomodam com o observador, constituindo uma oferta.
<b>Distância Social</b>	Plano aberto ( <i>long shot</i> ), relacionado a impessoalidade, afastamento.
<b>Perspectiva</b>	Predomina o ângulo oblíquo, não envolvimento e contra-plongée, poder do participante representado.
<b>Modalidade ou valor da realidade</b>	Naturalista, com a luminosidade, saturação das cores e profundidade de campo.

**Quadro 5-** Metafunção interativa (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

<b>Metafunção textual/ composicional</b> Significações construídas pela imagem	
<b>Valor de informação</b>	Urubu no centro e topo é dado de relevância e saliência. Na parte inferior da imagem o dado real, com urubus fazendo refeição.
<b>Estruturação</b>	Enquadramento forte com elementos facilmente identificáveis.
<b>Saliência</b>	O urubu é o elemento de maior saliência na imagem.

Quadro 6- Metafunção composicional (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

### ANÁLISE: FILHOS DO LIXÃO

**Fig. 8** –Fotografia de Rizemberg Felipe, publicada no *Jornal da Paraíba* em 2012, e ganhadora do prêmio Criança PB.



Fonte: Jornal da Paraíba.

A segunda imagem analisada é *Filhos do lixão*, faz parte da produção jornalística do repórter fotográfico Rizemberg Felipe. Este

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

registro foi publicado no *Jornal da Paraíba* em 2012, como parte de uma reportagem que expôs a carência de infraestrutura em um ambiente insalubre, especificamente no antigo Lixão do Róger. A fotografia recebeu o prêmio Criança PB, iniciativa da Secretaria de Desenvolvimento Humano do estado, que tinha como temática: "*Infância e adolescência como prioridade absoluta*".

Assim como a imagem anterior, temos como cenário o antigo Lixão do Róger, localizado na cidade de João Pessoa. O acúmulo de lixo constituiu uma comunidade em torno do lixão, e fez com que algumas famílias se adaptassem ao local, utilizando como meio de sobrevivência. O que recolhiam era para ser vendido ou para a própria alimentação. Muitas vezes as crianças achavam brinquedos para a diversão em meio ao caos.

A fotografia em questão foi produzida em cores, em um plano aberto (*long shot*), nesse tipo de enquadramento temos uma cena mais abrangente, podemos perceber que os personagens estão distanciados, tornando a composição mais impessoal. Plano aberto significa um maior estranhamento entre observador (participante interativo) e participante representado. A imagem nos mostra através das crianças e o ambiente sobre as condições de higiene do local, assim como a condição precária de sobrevivência de uma comunidade.

Tomando as estruturas de Kress e van Leeuwen (1996, 2000) para relacionar os elementos da Gramática do *Design Visual*, temos as estruturas Representacional, Interativa e Composicional que serão abordadas a seguir.

Figura 9 - Representação



Fonte: Jornal da Paraíba.

A **função representacional** é adquirida na imagem através dos participantes representados, no caso, as duas crianças que fazem parte como personagens. Cabendo a subdivisão de Kress e van Leeuwen em estrutura narrativa, quando há a presença de vetores indicando que ações estão sendo realizadas. A criança que está em primeiro plano na imagem, que vemos apenas as suas pernas, faz parte como ator na narrativa visual, de modo que a ação é direcionada a nada, ou ninguém. Portanto trata-se de uma estrutura não-transacional, a estrutura só apresenta o ator e não apresenta a meta, dispensando objetos.

Porém, a ação desenvolvida pela criança que está ao fundo da imagem se dá através do olhar dentro da cena, ocorrendo uma **reação**. Percebemos que ela está segurando um brinquedo e olhando para a criança saliente na imagem, que participa da estrutura não-transacional. Vale lembrar que nesse processo os atores serão os reatores, e se

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

identificamos para onde está olhando, consideraremos como uma reação transacional. Essa reação se realizará através do vetor formado por uma linha do olhar fixo da participante.

Dentro desse processo representacional, temos um composto de estrutura narrativa e conceitual. No processo de narrativa a ação e reação são encontradas, e na conceitual a presença do processo classificacional, onde as crianças fazem parte de categorias superiores. Elas fazem parte de um grupo de crianças que brincam no lixão e não de crianças que estão estudando, ou recebendo tratamentos médicos, por exemplo. Ainda fazendo parte da estrutura conceitual, teremos o processo simbólico entre portador (crianças que brincam) e atributos possessivos (infância, inocência).

Distância Social

Figura 10 - Interação

Plano médio



Fonte: Jornal da Paraíba.

Segundo a GV, a partir das relações sociointeracionais, o **contato**, a **distância social** e a **perspectiva** são recursos estratégicos usados

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

para estabelecerem um maior ou menor grau de aproximação ou afastamento do produtor do texto em relação ao seu leitor, buscando estabelecer um elo entre ambos.

Em relação à categoria **contato**, na fotografia em questão os personagens não olham diretamente para o observador, deixando de ser o sujeito do ato de olhar para se tornar objeto do olhar daquele que o observa. Nesse caso há uma oferta, pois os participantes se tornam elementos de informação ou objeto de contemplação, de maneira impessoal e nenhuma relação é criada entre eles.

Podemos analisar a exposição dos personagens para longe ou perto do leitor através da categoria da distância social. A interação dos atores cria uma relação imaginária com o espectador de maior ou menor distância social entre estes e os observadores. Na imagem em questão, consideramos uma **distância longa** (*long shot*) trazendo impessoalidade, estranhamento por parte dos participantes.

Outra categoria analisada na imagem é a **perspectiva**, que constitui o ângulo, ou ponto de vista, em que os atores são mostrados. Três são as angulações básicas: frontais, oblíquas e verticais, tendo a composição em questão o ângulo oblíquo mostrando o personagem estabelecendo uma sensação de alheamento, “deixando implícito que aquilo que vemos não pertence ao nosso mundo” (Kress, van Leuwenn, 2000 *apud* Almeida, 2008, p.4).

O último conceito da interação, que é a **modalidade**, pode ser vista na fotografia de Rizemberg. Ele opta por utilizar a cor na imagem, e apesar do lugar não ser propício a cores, ela dá vida a fotografia e ao ambiente através das vestimentas dos personagens, brinquedo e cartazes ao fundo. Para Paul Lowe (2017) a cor tende a ser mais visceral e adiciona claramente um nível extra de descrição pura. Escolher a cor ou o intervalo de exposição adequado para corresponder à sensação da cor e tonalidade

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

da imagem final pode ter um efeito emocional ou psicológico significativo.

A cor muda a atmosfera de uma imagem.



Fonte: Jornal da Paraíba.

Na metafunção composicional é pertinente analisar o posicionamento de cada elemento da imagem, compreendendo o valor informativo de significação. Observando a estrutura, direita/esquerda; topo/base; centro/margem; podemos perceber as valorações pelo simples fato de estar em uma dessas áreas. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), os elementos que estão posicionados ao lado esquerdo são apresentados como dado e a direita como novo.

A justaposição de objetos de tamanhos diferentes no primeiro plano e no fundo de uma imagem ajuda a criar profundidade. Dessa maneira, o elemento de maior destaque visual são as pernas da criança, que mostram uma péssima qualidade de vida através da sujeira e possíveis doenças em sua pele. Torna-se participante e elemento de maior **saliência** na cena, tendo os elementos marginais complemento de

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

sentido à composição. Como a criança que está ao fundo, segurando um brinquedo, e possivelmente tranquila por poder brincar, mesmo que em condições precárias, contrariando a natureza do ambiente.

Por fim, temos em *filhos do lixão* uma estruturação (enquadramento) composicional forte, apresentando a desconexão criada pela presença de estruturação, com o contraste e cores salientados, afirmando um sentido de individualidade e diferenciação à imagem (estruturação forte). A maneira como o fotógrafo impõe ordem na fotografia entre os participantes e o plano de fundo influi na maneira com que a foto é percebida pelo espectador, mas apesar dos vários elementos da imagem, todos são facilmente identificáveis. Podemos reconhecer particularmente o potencial do fundo que expressa o caráter do tema, pensando na composição com os personagens da melhor forma na cena.

Nas tabelas a seguir, mostraremos de forma simplificada as análises feitas na fotografia *filhos do lixão*, do fotógrafo Rizemberg Lima, publicada no *Jornal da Paraíba* no ano de 2012. Aplicadas a partir da Gramática do *Design Visual* de Kress e van Leeuwen (1996).

<b>Metafunção ideacional/ representacional</b>	
Natureza dos eventos <b>representados</b> pela imagem	
<b>Participantes</b>	Duas crianças, tendo uma maior saliência.
<b>Processos</b>	Processo não transacional.
<b>Circunstâncias</b>	Elementos que compõem a imagem junto com o ícone central, como a criança ao fundo da imagem, brinquedo, o muro, cartazes, o chão e a árvore.

Quadro 7- Metafunção representacional (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

Flora Constance Moura **FERNANDES**  
 Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

<b>Metafunção interpessoal / interativa</b> Natureza das relações <b>sociointeracionais</b> construída pela imagem	
<b>Contato interacional</b>	Os participantes não parecem incomodados com as lentes do fotógrafo / observador. Kress e van Leeuwen (1996) se referem como <b>oferta</b> , marcada pela indiferença dos atores.
<b>Distância Social</b>	Plano aberto ( <i>long shot</i> ) trazendo impessoalidade, estranhamento por parte dos participantes.
<b>Perspectiva</b>	Sensação de alheamento através do <b>ângulo oblíquo</b> .
<b>Modalidade ou valor da realidade</b>	<b>Estruturação forte:</b> contraste e cores salientes.

Quadro 8- Metafunção interativa (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

<b>Metafunção textual/ composicional</b> Significações construídas pela imagem	
<b>Valor de informação</b>	As crianças são apresentadas como dado e os outros elementos que compõem o fundo da imagem como novo.
<b>Estruturação</b>	Forte - apesar de ter vários elementos na cena, todos são facilmente identificáveis.
<b>Saliência</b>	A criança, que tem as suas pernas aparecendo no início da imagem constitui a saliência.

Quadro 9- Metafunção composicional (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

## ANÁLISE: O AMOR É O DOM MAIOR! AME...

**Fig. 12-** Fotografia para uma matéria sobre violência urbana.

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS



Fonte: Jornal da Paraíba (2012).

A terceira fotografia que analisamos faz parte do acervo de premiações do fotógrafo Francisco França. Publicada no *Jornal da Paraíba* em 2012, trouxe o registro da morte, a facadas, de uma moradora de rua. Na imagem vemos um personagem abandonado em um carrinho de mão, coberto por vários panos, e pés sujos à mostra. É a única parte do corpo da moradora de rua que está aparecendo no enquadramento, e ao lado a frase que fez grande diferença e é o título da fotografia: “*O amor é o dom maior! Ame...*”, entrando em contradição com o que observamos na imagem.

Em um primeiro momento, a fotografia produzida em cores, foi tirada para uma matéria encomendada pelo *Jornal da Paraíba* para retratar a violência urbana em João Pessoa, pelos dados a moradora seria a 16ª vítima de homicídio na capital paraibana em 2012. A frase em contraste com a brutal cena de violência urbana foi captada no dia 23 de fevereiro e capa do jornal no dia seguinte. O fotógrafo com sua sensibilidade conseguiu registrar o momento de forma marcante lhe rendendo o prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Para ele, o diferencial da fotografia foi a percepção do ambiente, naquele

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

momento muitos profissionais estavam no local e não tiveram a sensibilidade de perceber a contradição existente entre a foto e a frase estampada.

Francisco França foge do modelo sensacionalista que assola o jornalismo paraibano. Quando as pautas são sangrentas, ele opta por tirar fotografias de maneira “maquiada”, que seja plasticamente bonito, poético, buscando ângulos que não choquem o leitor. Dessa forma, costuma utilizar reflexos, objetos que compõem a cena e outros elementos para despertar interesse no leitor. A intenção é de criar vínculo para atrair o espectador para o enquadramento e mostrar-lhe algo novo. Não é apenas a história contada, mas a forma como é contada.

### **Fig. 13 – Representação**

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS



Fonte: Jornal da Paraíba (2012).

No processo de ação, o ator aparece fazendo alguma coisa (dirigindo-se a alguma coisa) e para o que ele se dirige é dado o nome de meta. Nesse caso, a meta sofre uma ação, e quem a praticou está fora do enquadramento, e é chamado de sujeito oculto. Portanto, a **meta** tornou-se a moradora de rua, que foi esfaqueada por alguém que não aparece na cena.

A frase no muro branco com letras em tinta preta clama: "*O amor é o dom maior! Ame...*", enfatizando um elemento dramático na imagem, fazendo com que o observador tenha sua atenção apreendida e se sinta compelido a ler o texto. O produtor usa a imagem para impactar e sensibilizar o leitor ao retratar a realidade brutal da violência urbana na cidade de João Pessoa.

Compreendemos que tal captura pode e deve sugerir outras leituras, mas expor quais fatores motivaram o registro desta e não de outra imagem dão uma noção do que venham ou não a colaborar na construção de uma narrativa visual. Criar uma relação entre o participante

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

e o pano de fundo também é importante para proporcionar prazer visual ao leitor/observador.

**Fig. 14 – Interação**



Fonte: Jornal da Paraíba (2012).

Na **função interativa**, usaremos estratégias de aproximação/afastamento do produtor do texto em relação ao seu leitor visual. Para Kress e van Leeuwen (1996), o contato, a perspectiva e a distância social são recursos utilizados no processo que buscam estabelecer um elo, imaginário, entre si.

Observamos que os elementos que compõem a imagem são objetos do olhar daquele que observa, no caso, o leitor. Então não há uma demanda, e sim uma oferta. A moradora de rua, que está sobre um carrinho de mão é o elemento de informação, que se dá de forma

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

impessoal, pois nenhuma relação é criada entre o observador e o participante da imagem.

A cena estampada em “*O amor é o dom maior! Ame...*”, chama atenção justamente pela contradição que existe na cena. O fotógrafo teve a percepção que outros que estavam no local não tiveram, e é isso que faz a imagem se destacar: o olhar. A fotografia foi produzida em cores, em um **plano aberto** (*long shot*), tal enquadramento torna a composição mais impessoal, pois quanto maior for o plano, maior o estranhamento entre observador (participante interativo) e participante representado.

A perspectiva dada pelo fotógrafo é de um **ângulo oblíquo**, que indica um não envolvimento de quem observa e de quem está sendo observado. Quem possui o poder, diante da fotografia, não são os participantes contidos nela, mas seus observadores.



Flora Constance Moura **FERNANDES**  
Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

Fig. 15 - Composição

DADO

NOVO



Fonte: Jornal da Paraíba (2012).

A metafunção composicional tem como atribuição combinar os elementos visuais de uma imagem, ou seja, unir os elementos representacionais e interativos em uma composição para que ela faça sentido. Os sistemas inter-relacionados são três: **Valor de informação**, **Saliência** e **Estruturação**.

A ênfase maior na imagem é dada para o corpo que está em um carrinho de mão. É considerada a **saliência** da imagem por ser o elemento de maior destaque e contorno em relação aos outros que compõem a cena. Os elementos marginais servem para compor a força desse discurso, e estão através da **estruturação** salientando os contrastes de cores e formas, imprimindo um sentido de individualidade e diferenciação à imagem, estabelecendo uma estruturação forte.

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

Por fim, podemos afirmar que as peças fotojornalísticas estudadas estabelecem um contato físico do texto com o leitor-observador, que busca uma atividade crítica em relação ao que vê/lê, na busca de compreender os significados pelos produtores. Abaixo temos as tabelas com as metafunções baseadas em Kress e van Leeuwen (1996, 2000).

<b>Metafunção ideacional/ representacional</b> Natureza dos eventos <b>representados</b> pela imagem	
<b>Participantes</b>	A moradora de rua em primeiro plano é o elemento de destaque.
<b>Processos</b>	A <b>meta</b> (moradora de rua) sofre a ação de algo que não está na cena (sujeito oculto).
<b>Circunstâncias</b>	Muro, pedras, plantas, chão, são elementos coadjuvantes.

Quadro 10- Metafunção representacional (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

<b>Metafunção interpessoal / interativa</b> Natureza das relações <b>sociointeracionais</b> construída pela imagem	
<b>Contato interacional</b>	Os elementos que compõem a imagem são objetos do olhar daquele que observa. Então não há uma demanda, e sim a <b>oferta</b> .
<b>Distância Social</b>	<b>Plano aberto</b> ( <i>long shot</i> ), tal enquadramento torna a composição mais impessoal, pois quanto maior for o plano, maior o estranhamento entre observador (participante interativo) e participante representado.
<b>Perspectiva</b>	<b>Ângulo oblíquo</b> - que indica um não envolvimento de quem observa e de quem está sendo observado
<b>Modalidade ou valor da realidade</b>	<b>Naturalista</b> - aproxima e contextualiza a imagem do real

Quadro 11- Metafunção interativa (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

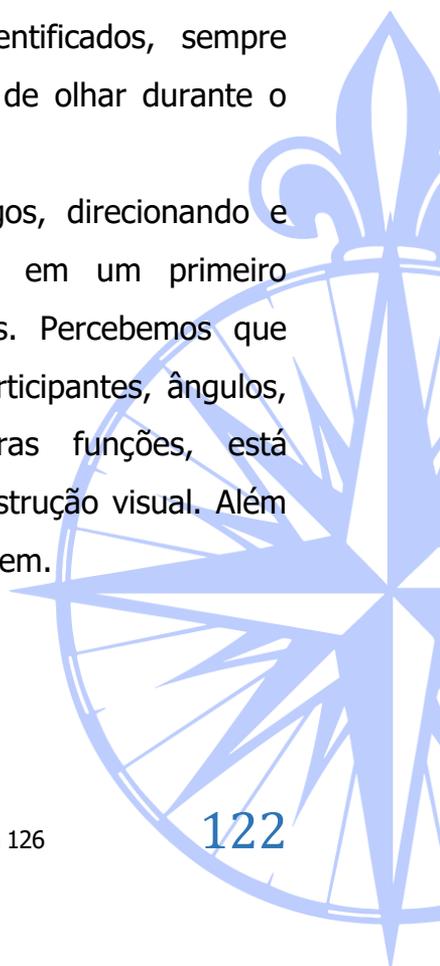
Flora Constance Moura **FERNANDES**  
 Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

<b>Metafunção textual/ composicional</b> Significações construídas pela imagem	
<b>Valor de informação</b>	Sob a ótica do dado temos o corpo da moradora de rua e como o novo a frase " <i>o amor é o dom maior!Ame...</i> "
<b>Estruturação</b>	Forte - cada elemento que compõe a cena é facilmente identificado.
<b>Saliência</b>	A moradora de rua em um carrinho de mão é o elemento de maior ênfase na cena.

Quadro 12- Metafunção composicional (baseada em Kress e van Leeuwen, 1996)

Dessa maneira, consideramos os estudos de Kress e van Leeuwen apropriados na disposição de um sistema funcional para construção e leituras de textos visuais. Podemos destacar a complexidade na tentativa de descrever as imagens através de palavras, pois as palavras descrevem, mas não podem revelar completamente a sua matéria visual. Mesmo que alguns signos visuais sejam fáceis de serem identificados, sempre comporão maneiras de ver diferentes, pois é o ato de olhar durante o processo que a constitui e não a relação com o verbal.

A linguagem não-verbal propõe vários diálogos, direcionando e mediando questionamentos que não se esgotam em um primeiro momento, constantemente sugerindo novas leituras. Percebemos que quando um fotojornalista enquadra determinados participantes, ângulos, perspectivas, modalidades, saliências, entre outras funções, está procurando conectar elementos internos de uma construção visual. Além de refletir o discurso de muitas vozes em uma só imagem.



## Considerações Finais

Nesse momento da nossa investigação, devemos sintetizar o caminho até aqui estabelecido, de maneira a extrair algumas consequências fundamentais, que permitam tornar o conjunto de relações apresentado mais evidenciado. Nosso estudo sobre a fotografia procurou deixar demonstrada, os jogos visuais, as articulações entre texto e imagem, entre texto e contexto, e nos deram um panorama senão completo, pelo menos razoável, da organização interna e de seus diferentes efeitos e com o objetivo de pôr em evidência o fotojornalismo local (pessoense), trazendo como objeto empírico três fotógrafos de reconhecida notoriedade para a sociedade. Em suma, o trabalho dos fotojornalistas é de extrema importância, fornecendo uma visão particular e poderosa dos acontecimentos do mundo, promovendo o entendimento, a reflexão e a ação.

As fotografias capturadas pelos fotojornalistas envolvidos neste estudo proporcionam uma representação visual dos eventos, histórias e questões que permeiam o mundo ao nosso redor. Elas servem como complemento e enriquecem as narrativas jornalísticas, permitindo que o público compreenda melhor os acontecimentos por meio da imagem. Como resultado, essas fotografias têm o poder de influenciar a maneira como as pessoas percebem e entendem determinados períodos ou acontecimentos.

Neste percurso procuramos juntar os elementos que permitiram a integração da fotografia ao campo da semiótica, analisando e pondo em evidência as relações sógnicas presentes nas peças fotojornalísticas publicadas em jornais impressos, e verificando os sentidos que se

Flora Constance Moura **FERNANDES**

Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

manifestam. Procuramos demonstrar que a fotografia, enquanto signo, não reside propriamente em se expressar, nem na imagem, nem no mundo, mas na relação dinâmica que se estabelece entre esses polos.

Partindo dessa conjectura, o que fizemos em nosso estudo foi, em síntese, determinar um olhar diferenciado sobre a produção jornalística, tomando como auxílio a semiótica peirciana e vetores extraídos da gramática visual de Kress e van Leeuwen. As análises nos mostraram que os aspectos representacionais, interativos e composicionais das fotografias, se constituem como mecanismo para a compreensão dos discursos que permeiam a representação de assuntos socialmente significativos nas imagens fotojornalísticas.

Os estudos de Kress e van Leeuwen nos ajudam a compreender o funcionamento dos discursos imagéticos. Os produtores desses registros narram os fatos a partir de um conjunto de experiências já vividas e internalizadas, trazendo essas imagens como reflexo do exercício do profissional. Mesmo que essas imagens sejam voltadas para a produção midiática, envolvendo comunicabilidade rápida e descomplicada, essa atividade também busca uma “racionalidade imaginativa”. E neste ponto os instrumentos teóricos e de análises nos ajudam a entender as estratégias de produção sígnica.

Uma das funções do texto fotográfico é fazer com que o leitor veja um lado invisível das coisas e, mesmo dos signos. O poder de encantamento que uma imagem nos submete e nos conduz para significações as quais as representações icônicas ocultam.

Finalmente, ao aplicarmos o método semiótico, constatamos que deve ser extremamente flexível e aberto, porque as trilhas da significação são, em boa parte, imprevisíveis, e quando elas se cristalizam, ficam instáveis, graças à diversidade de fatores que determinam as significações. É o que compreendemos diante da fluidez dos signos. Nossa

## FOTOJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE TRÊS PEÇAS FOTOGRÁFICAS PREMIADAS

expectativa, ao levantar essas questões e trazê-las à tona, é que novos estudos surjam e enriqueçam a argumentação aqui apresentada.

Também é importante salientar que os jornais impressos mencionados nesta pesquisa já não estão mais em circulação, sendo a mídia digital predominante. O fotojornalismo enfrenta uma série de desafios no futuro, incluindo a questão da integridade e autenticidade devido ao aumento da manipulação de fotografias jornalísticas. A competição nas mídias sociais também é um fator significativo, já que oferecem uma plataforma rápida e ampla para a distribuição de imagens, competindo diretamente com o fotojornalismo tradicional. Além disso, a sustentabilidade econômica é crucial para garantir a qualidade das imagens, o que requer investimento na contratação de fotógrafos profissionais. Assim como a promoção da diversidade e inclusão continuará sendo um desafio constante para o fotojornalismo, pois é essencial representar uma ampla variedade de perspectivas e experiências.

### Referências

BITTONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo**: a informação pela imagem / Dulcilia Schroeder; Magaly Prado (organizadora da coleção). São Paulo, Saraiva, 2017.

KRESS, Gunther e VAN LEEUWEN, Theo. **El discurso como estructura y proceso**. Barcelona, Gedisa editorial, 2000.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. London and New York, Routledge, 2003.

KRESS, Gunther e VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Images**. The grammar of visual design. London and New York: Routledge, [1996], 2006.

MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **8x fotografia**: Ensaios. São Paulo: Companhia das letras, 2008. 183p.

Flora Constance Moura **FERNANDES**  
Bernardina Maria Juvenal Freire de **OLIVEIRA**

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PEIRCE, Charles Sanders. Razón e invención del pensamiento pragmatista. **Anthropos**, n. 212, p. 132-139.

ROUILLÉ, André. La photographie. **Entre document et art contemporain**, Gallimard, coll. Folio essais, 2005, 704 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.

\_\_\_\_\_. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SILVA, Silvano Alves Bezerra da. **Estética utilitária**: interação através da experiência sensível com a publicidade. João Pessoa: A União Editora/Editora da UFPB, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. 1ª ed. Porto: Editora Letras Contemporâneas, 2002.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena** – Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

